



Evento: XXVI Jornada de Pesquisa

O ENSINO DO FUTSAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASOS EM UMA ESCOLA DA REGIÃO NOROESTE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL¹

THE TEACHING OF FUTSAL IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: A CASE STUDY IN A SCHOOL IN THE NORTHWEST REGION OF THE STATE OF RIO GRANDE DO SUL

Gaspar Schmidt Della Flora²

¹ Trabalho Conclusão de Curso de Educação Física Licenciatura- UNIJUÍ

² Aluno do Curso de Bacharelado em Educação Física da UNIJUÍ, gaspardellaflora@gmail.com

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi investigar quais os conteúdos de Educação Física foram abordados durante os anos finais do ensino fundamental, através de entrevistas individuais. Este trabalho resulta de um estudo de caso realizado com 10 alunos do 9º ano que possuem entre 14 e 16 anos de idade em uma escola estadual do interior do noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Apesar da pesquisa não ter todos os 21 alunos da turma participando, pois apenas 10 deles se voluntariaram, os resultados foram bem satisfatórios, e conseguiram mostrar a estrutura, temas, conteúdos e abordagens que aconteceram nas aulas de futsal.

Palavras-chave: Alunos. Cultura Corporal de Movimento. Ensino Fundamental. Esporte. Modelo Tradicional de Ensino

ABSTRACT

The objective of this work was to investigate which Physical Education contents were approached during the final years of elementary school, through individual interviews. This article is the result of a case study carried out with 10 9th grade students who are between 14 and 16 years old in a state school in the northwestern interior of the state of Rio Grande do Sul. Although the survey did not have all 21 students in the class participating, as only 10 of them volunteered, the results were very satisfactory, and they managed to show the structure, themes, content and approaches that took place in futsal classes.

Keywords: Students. Body culture of movement. Elementary School. Sport. Traditional teaching model.

INTRODUÇÃO

A Educação Física escolar é a área que tematiza a Cultura Corporal de Movimento. As quais são representadas pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018) como unidades temáticas que são assuntadas no decorrer da educação básica. Elas contemplam os jogos e



brincadeiras, os esportes, ginástica, danças, lutas, práticas corporais de aventura, essas unidades temáticas formam, constituem aquilo que chamamos cultura corporal de movimento.

A cultura corporal de movimento é um modo de pensar a Educação Física que vem ganhando força nesses últimos anos, principalmente com a implantação da BNCC nas escolas de todo Brasil. A construção da Educação Física no Brasil é uma intensa metamorfose, Segundo Bracht (2014), nas décadas de 30 e 40 do século passado Educação Física foi pensada pela instituição militar, a partir do final dos anos 60 é pensada como ciência desportiva, nesse contexto no final dos anos 70 é fundado o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), e é a partir dos anos 80 que os profissionais da Educação Física passam a construir objetos de estudo pelo viés pedagógico. Essa é a última revolução de pensamento que temos no campo da Educação Física, o desenvolvimento desses pensamentos culmina na teoria pedagógica da cultura corporal de movimento (ibidem).

O esporte é um fenômeno cultural, que Segundo González e Fraga (2012, p. 79) “mobiliza uma série de pessoas, que impulsionam grande parte da produção do consumo do mercado esportivo”. Mas, o esporte vai muito além da visão capitalista e faz parte da nossa cultura, os esportes de invasão abrangem algumas das modalidades mais populares do Brasil, como Futebol, Futsal, Basquete, Handebol, essas modalidades são “figurinhas” frequentes nos “álbuns” de Educação Física Escolar. Em síntese podemos dizer que

Ensinar esportes – principalmente os que apresentam interação entre adversários – de uma forma que propicie condições efetivas de aprendizagem aos participantes, permitindo-lhes um bom nível de desempenho, é um processo sobejamente complexo. Além da necessidade de compreensão das características peculiares das modalidades – lógica interna –, o fato de se constituir como um fenômeno cultural carrega o esporte de uma pluralidade de sentidos. (BORGES, 2014, p. 29).

Ao desenvolver a pesquisa tenho como objetivo principal refletir sobre o ensino do futsal nos anos finais do ensino fundamental a partir da visão dos alunos. Prefiro tomar um caminho diferente ao dar voz ao aluno, pois raramente eles são preferidos nesse tipo de pesquisa. Pretendo, com o estudo, saber do aluno de forma geral como foram as aulas de futsal no ensino fundamental e o que foi priorizado durante o ensino, assim como os modelos, metodologias e tarefas utilizadas para o ensino do futsal.

2 REFERENCIAL TEÓRICO



A escola é o lugar onde normalmente temos os primeiros contatos com o ensino sistematizado. O ensino dos esportes é um direito de todo jovem e criança, assegurado pelo Estatuto da Criança e Adolescente (1990) ou ECA como é mencionado muitas vezes, e é dever da escola oportunizar esse tipo de aprendizado. Segundo González e Fraga (2012, p. 46) “se não for oferecida ao educando a oportunidade de experimentar o leque de possibilidades de movimento sistematizado pelos seres humanos ao longo dos tempos, ele estará perdendo parte do acervo cultural da humanidade”. Logo, na escola espera-se que os jovens recebam um ensino sistematizado dos esportes, pensando nisso organizei este referencial com os seguintes tópicos: escola; Educação Física escolar; manifestações da cultura corporal de movimento; esportes; futsal; modelos de ensino; métodos de ensino; intervenção do professor; tarefas; e papel do aluno.

2.1 ESCOLA

A escola é uma instituição educacional, inclusive segundo as Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) os pais são obrigados a manterem seus filhos matriculados dos 4 aos 17 anos de idade. É uma instituição única que tem como uma de suas finalidades “Preparar a passagem do privado (família) para o público (política/cidadania).” (FENSTERSEIFER, 2013, p. 13). Talvez, nenhuma outra instituição consiga fazer isso de forma tão “natural” como acontece na escola.

Evidentemente, a escola faz isso como consequência, mas sua especificidade está mesmo vinculada ao conhecimento. Seguindo essa perspectiva, o conhecimento é o principal motivo pelos quais os pais mandam seus filhos para escola, é a busca pelo saber, carinhosamente chamado por Young de “conhecimento poderoso” [...] refere-se ao que o conhecimento pode fazer, como, por exemplo, fornecer explicações confiáveis ou novas formas de se pensar a respeito do mundo” (Young, 2007, p.1294). Ele salienta também, que para a maioria das crianças esse conhecimento não seria possível se não viesse através da escola (ibidem).

Notoriamente, é aí mesmo que começamos a ter contato com o mundo comum, entende-lo, saber como surgiu e se desenvolveu e o que isso impacta nos dias de hoje. “Cabe à escola colocar-se como ponte entre o passado e o futuro das gerações humanas, que é o presente dos adultos, e pelo qual esses são responsáveis. Em poucas palavras: formar o ‘espírito republicano’.” (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2009, p. 18). Muitas vezes temos uma visão



simplista da instituição, onde ela é vista somente como um lugar de transmissão de conhecimento e não como um lugar de formação humana pensada para o desenvolvimento do aluno, seja ele crítico-emancipatório, pessoal, social e educacional

2.2 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A Educação Física nem sempre foi obrigatória nas escolas. Mas, em 1961 a Lei de Bases e Diretrizes decretou que “Será Obrigatório a prática da Educação Física nos cursos primário e médio, até idade de 18 anos” (BRASIL, 1961, Art. 22). Segundo González e Fraga (2012, p. 43), a Educação Física “trata das possibilidades de movimento dos sujeitos, representações e práticas sociais que constituem a cultura corporal de movimento e vincula-se ao campo de lazer e saúde”.

Como podemos ver através de Bracht (2014), a Educação Física passou por muitas modificações através dos anos. Ele afirma que a mesma já teve caráter higienista, militarista, pedagógico e desempenho esportivo, antes de ser pensada como é hoje (ibidem). Para González e Fensterseifer (2010, p. 12), “a EF escolar, na condição de disciplina, tem como finalidade formar indivíduos dotados de capacidade crítica em condições de agir autonomamente na esfera da cultura corporal de movimento”. São com ideias que vão ao encontro dessa finalidade que a Educação Física escolar tem “apostado suas fichas” para dar um salto de qualidade, algo que as perspectivas anteriores não conseguiram dar conta, como bem podemos ver no nosso cenário atual. Então, muda-se a forma de pensar e investe-se nela.

Em suma, compreende-se a “Educação Física escolar como uma disciplina que introduz e integra o aluno na cultura corporal de movimento” (BRASIL, 1998, p. 29). A cultura corporal de movimento é uma nova perspectiva de ensino que tem ganhado cada vez mais espaço no atual cenário da Educação Física brasileira.

Ao pensarmos no atual cenário da Educação Física, podemos observar um alinhamento entre o objetivo e como ela vem sendo abordada. Fica claro no decorrer do tópico que isso não foi sempre assim e que isso é fruto de muito trabalho, pesquisa e avaliações. Por muito tempo era sabido o que não queriam para a Educação Física, mas não sabiam que rumo tomar. Bom, podemos afirmar que isso são ‘águas passadas’.

2.3 MANIFESTAÇÕES DA CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO



A Educação Física já foi pensada e contextualizada de diferentes modos na história do Brasil. Hoje, a perspectiva que mais se sustenta é a cultura corporal de movimento, na qual deve ser oportunizado o acesso a uma vasta gama de conteúdo ao aluno, e não ficar limitado a práticas tradicionais. Segundo Bracht e González (2014, p. 246) o objetivo da Educação Física escolar deve ser “[...] formar indivíduos dotados de capacidade crítica em condições de agir autonomamente na esfera da cultura corporal de movimento e de forma transformadora como cidadãos políticos”.

Do mesmo modo, a Base Nacional Comum Curricular defende a cultura corporal de movimento como um bom fio condutor, e explica o motivo.

[...] a Educação Física é o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história. Nessa concepção, o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo.

Nas aulas, as práticas corporais devem ser abordadas como fenômeno cultural dinâmico, diversificado, pluridimensional, singular e contraditório. Desse modo, é possível assegurar aos alunos a (re)construção de um conjunto de conhecimentos que permitam ampliar sua consciência a respeito de seus movimentos e dos recursos para o cuidado de si e dos outros e desenvolver autonomia para apropriação e utilização da cultura corporal de movimento em diversas finalidades humanas, favorecendo sua participação de forma confiante e autoral na sociedade (BNCC, 2018, p. 211).

Dessa forma, o marco legal em questão organiza e materializa tudo o que engloba a cultura corporal de movimento em unidades temáticas. São elas: Brincadeiras e Jogos, Esportes, Ginástica, Dança, Lutas, Práticas de Aventura (BNCC, 2018). Assim, todas as modalidades ou atividades que pensarmos estão englobadas dentro de algum desses agrupamentos.

2.4 ESPORTES

Quando observamos a BNCC (2018), podemos notar que na parte da Educação Física o tema que mais recebe carga horária é o Esporte. Tornando-se, assim, um destaque na prática de movimento das aulas do ensino básico. Assim, é relevante vermos que o esporte é

[...] uma manifestação da cultura corporal de movimento, orientada pela comparação de um determinado desempenho entre indivíduos ou grupos (adversários), regida por um conjunto de regras institucionalizadas por organizações (associações, federações e confederações esportivas), as quais definem as normas de disputa e promovem o



desenvolvimento das modalidades em todos os níveis de competição. (GONZÁLEZ; FRAGA apud BORGES, 2018, p. 73).

Não podemos pensar no esporte somente como um meio de estimular e desenvolver o aspecto físico do indivíduo. Segundo (GAYA; GAYA, 2013, p. 54), “se insere no espaço de tensão entre valores, princípios e hábitos que configuram os códigos culturais de uma comunidade humana”. Justifica-se, assim, que o esporte é algo mais amplo, que engloba elementos que vão muito além do momento da prática.

Fica evidente que as pessoas responsáveis por trabalhar com o esporte, têm um compromisso imenso. Pois não é somente a prática com que se está trabalhando, mas tudo que essa prática traz consigo, que ela significa nos diferentes seguimentos da esfera global, tendo em vista que é “fenômeno socialmente constituído” (BORGES, 2018, p. 73). É inegável que

Ensinar esportes – principalmente os que apresentam interação entre adversários – de uma forma que propicie condições efetivas de aprendizagem aos participantes, permitindo-lhes um bom nível de desempenho, é um processo sobejamente complexo. Além da necessidade de compreensão das características peculiares das modalidades – lógica interna –, o fato de se constituir como um fenômeno cultural carrega o esporte de uma pluralidade de sentidos. (BORGES, 2014, p. 29).

Os esportes podem ser trabalhados, pensados, agrupados ou divididos de diferentes maneiras. Neste trabalho, nos apoiamos no modelo de classificação dos esportes elaborado por González e Bracht (2012), que os classificam em sete grandes grupos: esportes de marca, técnico-combinatório, precisão, invasão, combate, campo e taco e de rede divisória ou parede de rebote. A ênfase se dá na modalidade do futsal, que faz parte do grupo dos esportes de invasão (ibidem).

2.5 FUTSAL

O Futsal começou a ser jogado no Brasil por volta dos anos 1940, segundo a Confederação Brasileira de Futsal (CBFS, 2020), a qual foi criada em 1979. O Brasil hoje é o maior campeão mundial da modalidade com sete títulos, sendo dois mundiais FIFUSA, entidade que organizou as competições de 1982, 1985 e 1988, nas quais o Brasil sagrou-se campeão nas duas primeiras edições e cinco mundiais FIFA, nos anos de 1989- 1992- 1996- 2008- 2012, (ibidem).



Na classificação proposta por Gonzalez e Bracht (2012) o futsal é colocado como um esporte de invasão. Eles os definem como “aquelas modalidades em que as equipes tentam ocupar o setor da quadra/campo defendido pelo adversário para marcar pontos (gol, cesta, touchdown), ao mesmo tempo em que têm que proteger a própria meta” (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 26). Neste mesmo grupo de classificação se encontra o futebol, aquele que pode ser considerado o “Irmão mais velho e mais famoso do Futsal”.

Por ser uma prática simultânea, onde duas equipes disputam um móvel, a bola, a complexidade do esporte aumenta, juntamente com o esforço cognitivo. Sobre isso, Greco (1998, p. 53) afirma que nos esportes com interação entre adversários, a regulação psíquica é um dos componentes de maior relevância no resultado da ação. Complementando essa ideia, para González e Bracht, (2012, p. 30) “Nos esportes em que o adversário não pode interferir na ação, as decisões são tomadas antes de iniciar a prova”.

No entanto, temos de contextualizar essa ação psíquica, pois ela é uma parte de uma engrenagem complexa requerida nos esportes com interação entre adversários. Segundo González e Bracht (2012), o Mecanismo de Processamento de Informação (MPI) é constituído de três etapas, a primeira é a percepção, a segunda é a tomada de decisão e a terceira a execução do movimento. Assim, expondo a complexidade que requer finalizar, passar, conduzir uma bola, driblar ou outras tantas possibilidades existentes em um jogo.

Além disso, podemos ver a participação dos Elementos do Desempenho Esportivo (EDE) se fazendo presente em todas as modalidades. De acordo com González e Bracht (2012) os sete elementos do desempenho esportivo são: a técnica, a tática, as capacidades físicas, as capacidades volitivas, a estratégia, as combinações táticas e os sistemas de jogo. Os esportes de invasão demandam todos os elementos do desempenho esportivo (ibidem). Fica nítido em González e Bracht (2012) que a tática assume um papel de destaque entre os outros elementos, pois “A tática não deve ser entendida apenas como uma das dimensões tradicionais do jogo, mas como a dimensão unificadora que dá sentido e lógica a todas as outras” Costa et al. (2010, p. 45). Borges e Amorin, (2014, p. 178) corroboram destacando que “a tática individual assume o papel central no ensino, utilizando a técnica como suporte motor para cada situação de jogo.

2.6 MODELOS DE ENSINO



Algo que está acima de todos os conteúdos é aquilo que eu penso, minha concepção sobre aquele esporte. Quando decidimos ensinar o futsal, uma das primeiras coisas que temos de pensar é no modelo de ensino, definidos como

[...] concepções que moldam a forma de entender o processo de ensino-aprendizagem dos esportes. Desse entendimento resulta a seleção de conteúdos realizada pelo professor, sua forma de intervenção durante o desenvolvimento das aulas, o tipo e a dificuldade das tarefas propostas, assim como o papel que o aluno desempenhará durante o processo. (BORGES, 2014, p. 47)

É claro que não existe somente um modelo de ensino. Aliás, existem vários, mas para este trabalho, me apoio em Borges (2014), que apresenta dois modelos de ensino: o modelo tradicional e o modelo centrado na tática. Onde, o modelo tradicional já é considerado algo ultrapassado, e que encontra dificuldades em proporcionar aos alunos atuações proficientes, algo que tem se tentado atingir com o modelo centrado na tática, formando atletas mais inteligentes (ibidem).

Para Borges (2014, p. 49), o “modelo tradicional tem o foco, exclusivamente, na execução do movimento”. Pois esse modelo ensina os esportes coletivos com interação do mesmo modo que ensina movimentos de ginástica, onde a execução de movimentos é a centralidade. Sobre isso, Garganta (1998, p. 22) destaca que “desde os anos 60 que a didática dos jogos esportivos coletivos repousa em uma análise formal e mecanicista de soluções preestabelecidas”.

Vale observar a diferença existente em centralidade e exclusividade. O modelo centrado na tática não faz a exclusão do ensino da técnica, mas acredita que os principais problemas são resolvidos com atividades de ordem tática. Em outras palavras

Os modelos de ensino centrados na tática não se apresentam contra o aprendizado das habilidades técnicas. Apenas levam em consideração que a execução do movimento – nos esportes com interação entre adversários – é resultante de um processo de tomada de decisão. Logo, compreendem o esporte como um construto permanente de resolução de problemas surgidos a partir da situação de jogo. Nessa perspectiva, a execução de movimentos é trabalhada quando estiver sendo o entrave que mais prejudica o desempenho dos alunos” (BORGES, 2014, p. 51).

Essa Ideia de modelo seria o macro, o primórdio para se pensar em ensinar algum esporte com interação. Depois de ter definido qual será a perspectiva de ensino, você pode



seguir para assuntos que derivam dele, ou que dependem dele. Pois é algo lógico que os métodos de ensino, o papel do aluno, as tarefas utilizadas e a intervenção do professor dependem de que modelo de ensino será utilizado.

2.7 METODOLOGIA DE ENSINO

Muito se fala sobre as dificuldades de elaborar uma aula, de organizar o que vai ser ensinado durante o período da aula. Assim, é para auxiliar nesse processo que existem as metodologias de ensino, que, para González e Bracht (2012, p. 77), consiste em ser “uma atitude intelectual que busca identificar, na heterogeneidade das aulas, formas de mediação que facilitem a aprendizagem dos alunos, ainda sabendo que não é possível conseguir o artifício universal para ensinar a todos todas as coisas”. Isso, para que a aula tome uma estrutura física e fique mais fácil de desenvolvê-la. Simplificando, “método de ensino é uma sequência de passos que o professor pode utilizar para o desenvolvimento da aula” (BORGES, 2014, p.51).

Quando vamos pensar em nosso método de ensino temos alguns pontos a cuidar. Segundo González e Fraga (2012, p. 94) “é importante escolher uma forma de ensino que dê centralidade às intenções táticas”, pois não podemos esquecer que estamos trabalhando com um modelo centrado na tática. Ficando, assim, explícito que as metodologias dependem dos modelos de ensinamentos escolhidos.

Percebemos nesse momento do trabalho uma estrutura física que começa lá na escola e vai terminar no papel do aluno nas aulas. Durante todo esse processo as coisas são extremamente mutáveis, existem inúmeras combinações e possibilidades, tendo em vista que cada escolha possibilita um novo leque de opções para seguir. Isso fica nítido ao observarmos que se pensássemos através de um modelo de ensino na concepção tradicional, o método utilizado seria totalmente diferente.

2.8 INTERVENÇÃO DO PROFESSOR

Em uma sala de aula o primeiro ser pensante é o professor, é ele que antes da aula começar já tem em mente o que vai ensinar, mas, essa é apenas uma das tantas atribuições do professor. Para González e Bracht (2012), o papel do professor se divide em quatro grandes dimensões: organizar o trabalho, motivar os alunos, disciplinar os alunos e instruí-los, neste trabalho, nossa atenção maior recairá sobre o primeiro e o último item. São esses elementos que



‘conversam’ com aquilo que estamos buscando apresentar neste tralho, como tarefas, métodos e modelos de ensino, intervenção do professor e papel do aluno, motivar e disciplinar os alunos não são contemplados nesse estudo.

Vale lembrar que nosso tema de estudo específico neste trabalho é o futsal, e que o nosso modelo de ensino idealizado é o centrado na tática. Assim, de acordo com González e Bracht (2012) existem quatro tipos de instrução nos esportes de invasão: a explicação, a demonstração, a orientação e a indagação. É utilizando destas ferramentas de ensino que se é possível ajudar os alunos e entenderem, aprenderem e melhorarem seus desempenhos no esporte.

Seguindo essa perspectiva, o professor é peça fundamental em uma aula, segundo (BORGES, 2014, p. 56) “Quando o professor não realiza intervenções buscando orientar os alunos, o aprendizado fica comprometido”. É ele que a pensa antes de ela acontecer, a direciona no momento em que está acontecendo e reflete sobre ela durante e após o seu término. Mesmo nas metodologias ativas, em que a centralidade da aula é o aluno, é o professor quem pensa as estratégias e possibilita isso ao aluno. É como um maestro regendo toda a orquestra, claro que de uma forma não ensaiada, não previsível; ao contrário, dinâmica e apaixonante.

2.9 TAREFAS

Essas tarefas podem ser classificadas em categorias. Nesse caso, me apoio em González e Bracht (2012) que trabalham com uma classificação que se divide em quatro categorias: tipo 1, tipo 2, tipo 3 e tipo 4. Essa última, se divide em três subcategorias: Jogo formal, Jogo reduzido e Jogo assimétrico (ibidem).

Conforme os referidos autores explicam, as tarefas tipo 1 e tipo 2 são exclusivamente técnicas. As tarefas tipo 1 são aquelas em que se trabalha apenas uma habilidade técnica; as tarefas tipo 2 são tarefas onde se trabalha duas ou mais habilidades técnicas encadeadas, sendo assim, tarefas que têm seus objetivos centrados na repetição de movimentos (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012).

Em contra partida, as tarefas tipo 3 e tipo 4 por sua vez, tem sua centralidade na tática. As tarefas tipo 3 são tarefas que elencam apenas alguns princípios do jogo, sendo que as do tipo 4 são caracterizadas por envolverem todos os princípios, como isso, são marcadas pela intensa necessidade de tomada de decisão durante a execução (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012).



O conhecimento das tarefas é de fundamental importância na elaboração das aulas, pois trata-se de peça chave em resolução de problemas. Para González e Bracht, (2012, p. 79), “Aprender a “ler” as tarefas é fundamental. A experiência que elas oferecem são as que possibilitam a aprendizagem”. Muitas vezes você terá de adaptar as tarefas, torna-las mais difíceis ou mais fáceis pois, “uma tarefa cumpre seu papel quando está em um nível de dificuldade compatível com as possibilidades dos alunos” (GONZÁLEZ; FRAGA, 2012, p. 94). As tarefa tem uma importância gigantesca no método e modelo de ensino pensados no viés pedagógico da centralidade tática.

2.10 PAPEL DO ALUNO

Não é interessante separar os três elementos (as tarefas, a intervenção do professor e o papel do aluno), pois eles juntos potencializam muito a nossa aula. Segundo Borges (2014, p.57) “As escolhas que o professor faz em relação às tarefas e ao tipo de intervenção privilegiada resultam no papel que o aluno terá durante a aula. Essa participação poderá ser mais ou menos ativa”. E, é esse estímulo ao aluno ativo na aula que faz essa metodologia ser eficaz.

Borges (2014), explica como as tarefas e a intervenção do professor influenciam no papel do aluno, para ele se o professor der tarefas de tipo 1 e de tipo 2, e a intervenção for centrada na explicação e na demonstração o papel do aluno se resumira a executar movimentos pré-programados, sendo isento da responsabilidade de pensar. Mas, veja que se esse professor der tarefas tipo 3 e tipo 4, e a intervenção for centrada na indagação, o aluno continuará executando movimentos, mas agora, tem que descobrir respostas, não está isento da condição de pensar, ele está exercendo um papel de aluno ativo (Ibidem). Note que com essa explicação fica claro e evidente a necessidade de os três papéis estarem ajustados entre si.

Quando pensamos em propor algo, ensinar algo, temos sempre que pensar no aluno, pois é ele o personagem principal a que os objetivos são propostos. Sem o aluno não temos a quem ensinar, logo devemos pensar nele e fazer o melhor para que ele possa aprender. Nesse sentido, segundo González e Bracht (2012), essa última condição de aluno pensante leva a uma situação de aluno ativo, onde o aluno deve elaborar suas próprias respostas, a procurar na experiência as perguntas e respostas que o jogo lhe coloca, tendo assim, um nível de exigência maior, estimulando mais competências cognitivas.



3 PROCESSO METODOLÓGICO

Este estudo é de abordagem quantiqualitativa, onde a maior preocupação é trazer a interpretação dos dados através da quantidade. É interpretar os dados, a luz qualitativa. Segundo Thiollent (apud FERREIRA, 2015, p. 118)

Ressalta uma tendência das ciências sociais no Brasil de assumir a abordagem qualitativa junto com a quantitativa, constatando uma crescente utilização de técnicas estatísticas pelos pesquisadores sociais para o tratamento de dados em função da simplificação de softwares estatísticos.

Quanto ao procedimento, a pesquisa se caracteriza como estudo de caso. Que segundo Yin (2001, p. 32), “é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”. Já, com relação aos objetivos, tem a particularidade de ser descritiva.

Como instrumento para a coleta de dados foi utilizada uma entrevista semiestruturada. Segundo (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75), essas entrevistas “combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal”. O roteiro da entrevista foi dividido em dois blocos, o primeiro relacionado ao aluno contendo cinco perguntas, e o segundo relacionado a escola contando com nove perguntas.

O estudo foi realizado em um colégio de uma pequena cidade da região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Com jovens adolescente que têm idades entre 14 e 16 anos, da turma do 9º ano do ensino fundamental. As entrevistas foram realizadas nos dias 10 e 11 de dezembro, no período da tarde, via Google Meet. Dos vinte e um alunos da turma, um total de dez compareceram na sala através de link disponibilizado, sendo cinco do sexo masculino e cinco do sexo feminino.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

A partir das entrevistas descobrimos que 80% dos alunos assimilam a disciplina diretamente com o esporte, apenas 20% não falam em esporte ou citam alguma prática



esportiva. Sabendo que o esporte segundo a BNCC (2018) é apenas uma das seis unidades temáticas podemos perceber um recorte ou uma ênfase exacerbada na percepção do que é a Educação Física Escolar. Isso é algo que podemos observar que tem nos acompanhado há muitas décadas, e é essa percepção que a Cultura corporal de movimento visa romper.

Outro ponto que nos chamou a atenção no trabalho foi a grande quantidade de conteúdos trabalhados durante o ensino fundamental. A BNCC (2018) engloba todos os conteúdos em seis unidades temáticas, jogos e brincadeiras, esporte, ginástica, lutas, dança, praticas corporais de aventura. Na entrevista 90% dos alunos responderam que tiveram acesso a 3 ou mais destas unidades temáticas. Isso, talvez não seja a excelência, mas certamente é um bom resultado.

Dando sequência a essa análise dos alunos que participaram, 50% relatou ter tido acesso as unidades temáticas de esporte, dança, lutas e ginástica. Outros 20% revelaram acesso a ginástica, lutas e esporte, 10% esporte, dança e lutas. Os 20% restante fica dividido em duas classificações, uma referente a esporte e dança e a outra a esporte, dança, lutas, ginástica e práticas corporais de aventura.

E possível perceber que o vôlei e o futsal são o carro chefe de todo o ensino dos esportes nos anos finais do ensino fundamental. Quando perguntado aos alunos quais os esportes eles mais tiveram acesso, eles contaram que foi o futsal e, em alguns casos, ele fazia dupla junto com o vôlei. Apenas 10% não relacionou o futsal como uma das práticas mais trabalhadas durante os anos finais do ensino fundamental, apresentando-se como o maior fenômeno esportivo desta escola.

Dentre tantas coisas satisfatórias que o trabalho nos revelou, uma delas foi que 100% dos alunos terem tido aulas teóricas. Os alunos comentaram que sempre tinham aulas teóricas antes das práticas, e os assuntos trabalhados eram as regras, os fundamentos, as posições, uma abordagem histórica juntamente com algumas curiosidades do respectivo esporte desenvolvido. Relataram também que alguns conteúdos tiveram acesso somente através da teoria.

Em suma, podemos observar a falta de indagação, a falta de momentos de reflexão sobre a prática, juntamente com a ausência de tarefas T3 e T4 com estrutura reduzida e assimétrica os quais são excelentes para o desenvolvimento tático e que contemplam todos os princípios do jogo (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012). Ao longo do trabalho é possível observar que o ensino dos esportes tem seguido um metodologia mais inovadora, como é possível ver



em González e Bracht (2012). Evidenciando assim uma abordagem didática que não contempla aquilo que tem se pensado nos dias atuais como as novas formas de intervenções pedagógicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foi possível observar que alguns professores podem ter ideias e trabalhar com conteúdos inovadores, mas desenvolvê-los de forma tradicional. Esse foi um dos “achados” que o trabalho me revelou onde o professor transcende as modalidades tradicionais, trabalhando com atletismo, dança, ginástica e outros conteúdos, mas na hora de desenvolver os esportes ainda repousa numa ótica tradicionalista. E por que isso acontece? Bem, isso é tema para uma outra pesquisa.

Vejo esse trabalho com uma grande contribuição social e acadêmica. Ao longo dos últimos anos, temos vivido várias mudanças nos paradigmas de ensino, inclusive com o lançamento de guias, livros, cadernos pedagógicos, diretrizes pedagógicas, marcos legais de como executar as aulas de Educação Física. Sabe-se muito bem como era a Educação Física antes de se começar a desenvolver esses projetos que estão mudando a nossa forma de atuação na área. Esse trabalho possibilita observar como estão acontecendo as aulas hoje, no meio deste processo, no seu desenvolvimento, quais as mudanças que já aconteceram.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. Florianópolis. Vol. 2, nº 1 (3), p. 68-80, janeiro/julho. 2005. Disponível em link: <file:///D:/Usuario/Downloads/18027-Texto%20do%20Artigo-56348-1-10-20110215.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2020.

BORGES, Robson Machado; AMORIM, Adolpho Cardoso. Futsal. In: GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. (org.). **Práticas corporais e a organização do conhecimento 1: esportes de invasão**. 1. ed. Maringá: Eduem, 2014. v. 1. p. 175-218.

BORGES, Robson Machado. **Estudar com professores: a formação continuada e o processo de mudança de concepção de ensino na educação física escolar** / Robson Machado Borges. – 2018. 260 f. Orientador: Alex Branco Fraga. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, BR-RS, 2018. Disponível em link: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/185242>. Acesso em: 11 set. 2020.



BORGES, Robson Machado. **Diálogos sobre o ensino do esporte educacional: uma pesquisa-ação na formação continuada** / Robson Machado Borges. – 2014. 280 f. Orientador: Adroaldo Cezar Araujo Gaya. Coorientador: Fernando Jaime González. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, BR-RS, 2014. Disponível em link: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/101487/000930202.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 7 set. 2020.

BRACHT, Valter. **Educação Física e Ciência: Cenas de um casamento (in)feliz**. 4. ed. Ijuí: Unijuí, 2014.

BRACHT, Valter; GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Educação Física escolar. In: GONZÁLEZ, F. J; FENSTERSEIFER, P. E. (Org.). 3ª ed. **Dicionário crítico de Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2014, p. 241-247.

BRASIL. **Estatuto da Criança e Adolescente**. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 28 jan. 2021.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular. Competências da Educação Física para o Ensino Fundamental**. 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_v3EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 28 ago. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **LEI Nº 4.024, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1961**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L4024.htm. Acesso em: 27 set. 2020.

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 11 set. 2020.

BRASIL. República Federativa do. **Parâmetros Curriculares Nacionais: educação física**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em: 15 set. 2020.

CBFS. **CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTSAL**. 2020. Disponível em: <https://www.cbfs.com.br/futsal-origem>. Acesso em: 02 out. 2020.

COSTA, Israel Teoldo; GRECO, Juan Pablo; GARGANTA, Júlio Manuel; COSTA, Varley; MESQUITA, Isabel. Ensino-aprendizagem e treinamento dos comportamentos tático-técnicos do futebol. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v.9, n.2, p.41-61, 2010. Disponível em: <http://www.nucleofutebol.ufv.br/artigos/23-Ensino-aprendizagem-treinamento.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2021.



FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Função da escola pública. In: SANTIAGO, Anna Rosa Fontella; FEIL, Iselda Terezinha Saudes; ALLEBRANDT, Lídia Inês. **O curso de pedagogia da UNIJUI – 55 anos**. Ijuí: Unijuí, 2013. p. 256.

FERREIRA, Carlos Augusto Lima. Pesquisa quantitativa e qualitativa: perspectivas para o campo da educação. **Revista Mosaico**, v. 8, n. 2, p. 173-182, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:BUI6THb6SYwJ:seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/download/4424/2546+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 4 jan. 2021.

GAYA, Adroaldo César Araújo; GAYA, Anelise Reis. O esporte como manifestação da Cultura Corporal do Movimento. In: NASCIMENTO, Juarez Vieira do; RAMOS, Valmor; TAVARES, Fernando (Org.). **Jogos desportivos: formação e investigação**. Florianópolis: UDESC, 2013. v. 4, p. 41-55. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/77857963/04-o-esporte-como-manifestacao-da-cultura-corporal-do-movimento-gaya-gaya-2013-1>. Acesso em: 31 jan. 2021.

GARGANTA, Júlio Manuel. Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos. In: GRAÇA, A; OLIVEIRA, J. (Org.). **O ensino dos jogos desportivos coletivos**. Lisboa: Universidade do Porto, 1998. p. 11-25.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; BRACHT, Valter. **Metodologia do ensino dos esportes coletivos**. Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2012.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Entre o não mais e o “ainda não”: Pensando saídas do não-lugar da EF escolar I. **CADERNOS DE FORMAÇÃO RBCE**, p. 9-24, set. 2009. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/929>. Acesso em: 10 set. 2020

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Entre o não mais e o “ainda não”: Pensando saídas do não lugar da EF escolar II. **CADERNOS DE FORMAÇÃO RBCE**, p. 10-21, mar. 2010. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/978>. Acesso em: 10 set. 2020.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FRAGA, Alex Branco. **Afazer da educação física na escola: planejar, ensinar, partilhar**. Erechim: Edelbra, 2012.

GRECO, Juan Pablo. **Iniciação esportiva universal 2**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

Yin, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2.ed. Porto Alegre, RS: Bookman, 2001. Disponível em: https://saudeglobaldotorg1.files.wordpress.com/2014/02/yin-metodologia_da_pesquisa_estudo_de_caso_yin.pdf. Acesso em: 4 jan. 2021.

YOUNG, Michael. Para que servem as escolas? **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, vol.28, n.101, p.1287-1302, ser./dez. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v28n101/a0228101.pdf>. Acesso em: 08 set. 2020.